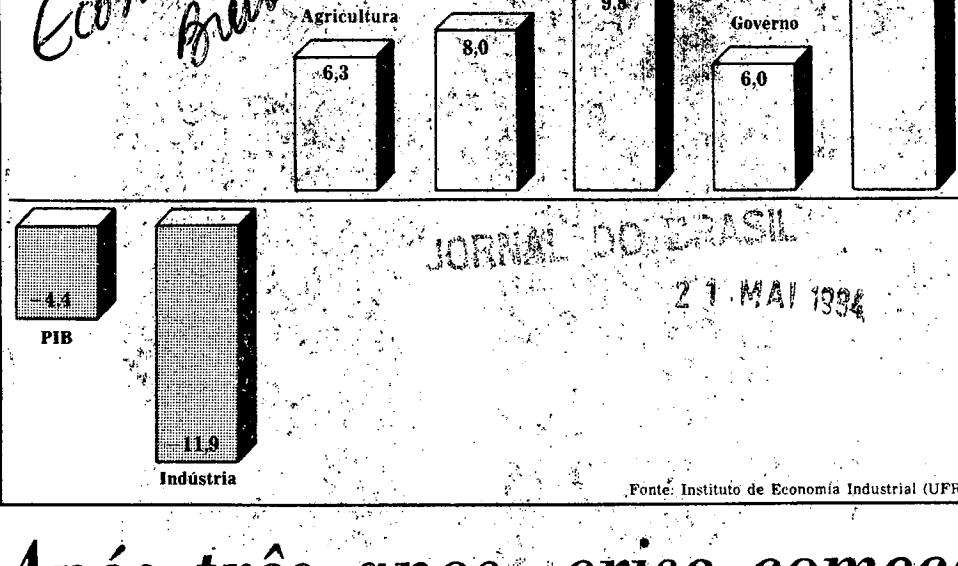


Economia
Brasil

JORNAL DO BRASIL

21 MAI 1984

Fonte: Instituto de Economia Industrial (UFRJ)

Após três anos, crise começa a atingir o setor financeiro

Em 1981, quando se iniciou o aprofundamento da crise da economia brasileira e o Produto Interno Bruto (PIB) caiu quase 2%, surgiram sérias críticas no país ao setor financeiro. Bancos, financeiras, corretoras e distribuidoras apresentaram lucros, naquele ano, superiores, em muitos casos, a 500%, enquanto as empresas do setor produtivo viviam o primeiro impacto da recessão e dos altos custos financeiros.

De 1981 a 1983, esse quadro não sofreu alterações: o PIB teve uma queda acumulada de 4,4% e o setor financeiro cresceu 14,3%. Só que agora, nos primeiros meses deste ano, a situação está se invertendo, com o feitiço virando contra o feiticeiro: exatamente quando surgem sinais de recuperação na economia, mesmo que duvidosos, a crise parece estar chegando ao setor financeiro.

"Bancos entram em parafuso"

Recentemente, em seminário realizado na Associação Nacional dos Bancos de Investimentos (Anbid), a economista Maria da Conceição Tavares — tendo antes pedido desculpas por ter criticado o setor que a estava recebendo em casa para uma conferência — comentou que a tendência, daqui para frente, era a de os bancos de investimentos "entrarem em parafuso". Previu também dias mais difíceis para todas as instituições financeiras.

Segundo Conceição, os lucros continuariam a existir, mas mais reduzidos, pois a procura por crédito junto às instituições financeiras emprestadoras de dinheiro permaneceria baixa nos próximos meses, já que os juros ainda estão muito elevados. No caso das boas empresas, explicou a economista, a saída tem sido autocapitalização, até mesmo por meio de aplicações financeiras, para fugir ao endividamento bancário. E quanto às empresas mais frágeis, só tendem a agravar a situação de não pagamento, ou seja, de inadimplência.

Por outro lado, frisou Conceição, não existe, no momento, uma ponte efetiva entre o setor financeiro e as empresas do setor produtivo, que torne as instituições financeiras capazes de serem as financeiras da recuperação industrial.

— A reforma bancária e do mercado de capitais, feitas em 1965, há muito tempo que foi para o espaço, com o surgimento dos grandes conglomerados financeiros. É preciso uma reforma financeira ampla, que redefinia o papel de cada instituição — disse Conceição.

Sem saber, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro estava entrando em concordância com um dos seus principais companheiros de debates: o ex-Ministro Mário Henrique Simonsen. Há um mês atrás, em seminário sobre a recuperação econômica realizado no Rio Palace, Simonsen também disse, ao analisar as perspectivas setoriais, que maus tempos se avizinhavam para o setor financeiro.

Queda nos lucros

E acabou mesmo. Os balancetes de março de 84 dos bancos de investimentos já revelam a queda na rentabilidade do setor. Balanceiro trimestral não tem lucro líquido, mas divulga contas de resultado.

De acordo com o conceito de contas de resultado da própria Anbid, que é mais amplo, porque soma as perdas ou ganhos no mês aos lucros e prejuízos acumulados, em março de 1982, logo após o ano clímax dos grandes lucros, 29 bancos de investimentos apresentaram taxas de crescimento em seus resultados, com relação a março de 1981, superiores à inflação no período (91,5%), enquanto apenas sete bancos tinham queda real. Havia muitos casos de bancos com aumentos de mais de 500% e alguns chegavam a ter crescimento de 800% a 900%.

Em março de 1983, essa situação não se havia modificado muito: 23 bancos tiveram aumentos nos resultados, com relação a março de 1982, acima da inflação, nos últimos 12 meses (109,7%), enquanto 11 estavam com perdas, em face da escalada dos preços no período.

Mas agora, em 84, houve uma inversão completa: 21 bancos registraram perdas em seus resultados, quando o crescimento é comparado com a inflação de março do ano passado a março deste ano (229,7%), enquanto apenas nove bancos tiveram aumento real.

Para o presidente da Anbid, Ary Waddington, o que explica o desempenho do setor é a elevação dos

custos administrativos e financeiros dessas instituições — "o salário dos executivos de bancos de investimentos não são reajustados com base no Decreto-Léi 2.065", comentou — enquanto que a principal fonte de lucros — a diferença entre as taxas de captação de recursos e a dos empréstimos (spread) — está caindo.

De acordo com Waddington, o spread líquido dos bancos de investimentos é hoje de apenas 1%. O custo da captação está em correção monetária mais 18% (média do sistema) e o dos empréstimos em correção monetária mais 22% ou 23%. A diferença é portanto de 4% a 5%, mas o spread líquido fica em torno de 1%, porque pelo menos 4% são necessários para cobrir a perda de retorno com o depósito compulsório e as aplicações no Finsocial.

Waddington confirma a afirmação de Maria da Conceição Tavares de que as boas empresas do setor produtivo estão reduzindo sua margem de endividamento, para escapar aos altos custos financeiros, enquanto que o índice de inadimplência junto aos bancos, por parte das pequenas e médias empresas e do setor público, vêm aumentando a cada dia que passa. Alguns bancos, que enfrentavam três casos de atraso em pagamentos de mais de 60 dias ao longo de cinco anos, agora se defrontam com 12 casos por mês.

Conglomerados

Por outro lado, acentuou o presidente da Anbid, a queda na demanda por empréstimos atinge mais as instituições financeiras independentes, porque os grandes conglomerados se tornam mais agressivos, para não perderem fatias de mercado.

— Nos últimos 12 meses, os três maiores bancos do país aumentaram sua participação no mercado de empréstimos de 10% para 29% — informou.

Uma verdadeira luta, aliás, entre os conglomerados financeiros e as instituições independentes vem sendo travada por debaixo do pano, agora que a crise está chegando ao setor. Na Anbid, as duas chapas que concorrerão às eleições em junho representam, cada uma delas, um desses segmentos do mercado.

Enquanto que a média da rentabilidade sobre o patrimônio líquido, de 1978 a 1983, das 500 maiores empresas privadas do País, foi de 10,5%, no período, o Bradesco teve uma média de lucratividade de 21,7%; o Itaú, de 19,6%; o Real, de 17,4%; o Nacional de 15,2%; e o Unibanco, também de 15,2%, segundo estudo do economista Domingo de Gouveia Rodrigues, do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC).

Domingos Gouveia Rodrigues acha, no entanto, que agora, em 1984, mesmo a rentabilidade dos grandes grupos bancários deverá cair, porque o Banco Central impôs grandes perdas às instituições financeiras ao recomprar as Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, com correção cambial — títulos que vinham sendo grande fonte de lucros. Um fenômeno que ele considera uma forma de sobrevivência é a maior participação dos grandes bancos nos setores produtivos. Essa participação cresceu de 2,9% em 1971 para 11% em 1982, através da compra de títulos e valores mobiliários (ações e debêntures de empresas privadas de capital aberto).

As últimas medidas adotadas pelo Conselho Monetário Nacional, entre as quais se destaca a emissão de Certificados de Depósitos Bancário pelo Banco do Brasil, na opinião do economista também deverão gerar margem de lucros menores para os grandes bancos, por aumentar a participação do Estado na captação da poupança privada, visando o melhor controle da expansão da moeda.

Desemprego no "open"

Por causa dessa mudança de política das autoridades monetárias quanto ao mercado aberto e venda de títulos públicos, uma outra área do setor financeiro que foi muito beneficiada durante a crise já começa a entrar na fase das "vacas magras". Trata-se do *open market*. Em março deste ano, 25 instituições financeiras que atuam no *open* tiveram queda em seu patrimônio líquido e 30 mantiveram o patrimônio no mesmo nível de dezembro de 1983. E corretoras e distribuidoras de menor porte estão demitindo operadores.

CECILIA COSTA